

## Alma Ativa

“O meu consolo, nesta hora extrema, é pensar que não perdi o meu tempo, aqui na terra”. Mais ou menos assim disse a jovem belga Maggy, alma apóstola, pouco antes de morrer. Era a expressão de uma grande verdade, pois ela desenvolvera uma atividade quase incrível entre as crianças e os pobres operários. Nunca estava parada, a não ser para a oração, que, afinal, é um modo de andar, de correr, sem que ninguém o perceba. Maria Santíssima não desenvolveu, está claro, uma atividade, assim, que desse na vista. Outros eram os tempos; outras as necessidades; outra a sua vocação! Entretanto que alma ativíssima, a alma gloriosa de Maria! E não podia ser de outra maneira.



A atividade, diríamos quase ser uma virtude de família em Deus. Que é a mesma atividade, desde o Princípio, pois que é na expressão teológica um ato puríssimo. Por isso, o Padre Meschler ficava contrariado quando os noviços lhe falavam de plena quietação no céu. Não, não; no céu há atividade, há movimento, há vida. É esta, aliás, a doutrina de Jesus Cristo: “Meu Pai, dizia o Divino Mestre, opera sem cessar e eu também opero” (Jo 5,17). Ora, esta doutrina Nossa Senhora via corporificada, a todo instante, diante de seus olhos. Jesus trabalhava, ajudando a ganhar o pão cotidiano que Ele bem podia, se o quisesse adquirir como lá no deserto ou na montanha, de modo maravilhoso. São José trabalhava na sua oficina que era um verdadeiro templo onde habitava e operava o Homem Deus. Nossa Senhora trabalhava, também solícita em casa, no jardim. A vida em Nazaré era, portanto, a lição mais perfeita do “reza e trabalha”, que se tornou depois regra de tantas Ordens e de todas as almas que querem cumprir a sua missão.

A alma ativa sabe sempre vencer as dificuldades. Foi sempre assim a vida de Maria. Indo, obrigada a Belém; fugindo para o estrangeiro; de lá voltando, por ordem do Anjo, encontrou, sem dúvida, não pequenas dificuldades domésticas e financeiras. Teria desanimado a caído na miséria se não fosse ativa. E quando Jesus sai com os Apóstolos para sua missão, Maria decerto, terá redobrado a sua atividade para ajudá-los com as outras piedosas mulheres, de que fala o Evangelho. Como se revela claramente, a feição

ativa de sua alma nas Bodas de Cana, onde faltou vinho, pede a Jesus o milagre e logo põe os serventes em movimento: que trabalhem e obedeçam ao Mestre.

Depois é a atividade heroica, procurando corajosa o Filho Divino nos grandes momentos da Paixão; assim como já O procurara, sem descanso nos três dias da perda angustiada lá no Templo. E ainda falta lembrar-nos, da grande atividade que Ela desenvolveu depois da Ascensão de Jesus, em favor da Igreja incipiente. Atividade que não se paralisou lá no céu, em prol dos filhos que ainda por aqui peregrinam, mas pelo contrário, como estamos vendo desdobrou-se maravilhosamente. Ó alma ativa de Maria! Não era estéril, portanto, a sua solidão.

Nós somos indolentes, gostamos mais do sono do que do trabalho. Preferimos o repouso ao movimento. E quem sabe, nos desculpamos até com a necessidade da solidão. Mas não nos esqueçamos, existe uma solidão estéril, é aquela da figueira que Cristo mandou cortar e lançar ao fogo. Eis a sorte dos ociosos, dos comodistas. Trabalhem, operemos, pois há tanto que fazer no Reino de Deus aqui na terra! Digamos como aquele devoto de Maria: “Quero dois ritmos na vida: a suprema intensidade no trabalho contínuo, mas sereno, a todas as horas do dia”. Meu Deus dê-me horror aos minutos perdidos!

Ó Maria, ensina-nos a atividade santa, o trabalho bem intencionado, que não nos afaste de Deus, Nosso Senhor, mas que nos aproxime d’Ele cada vez mais. Assim seja!